
A Cognição nos Estudos das Narrativas Ficcionalas Contemporâneas ¹

Daiana SIGILIANO²

Gabriela BORGES³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O artigo tem o objetivo de discutir os esforços da academia brasileira na reflexão sobre o diálogo entre os estudos da cognição e das narrativas ficcionais seriadas contemporâneas. Através de um levantamento dos trabalhos publicados entre 2015 e 2019 nos anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber) e Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia (Alcar), buscou-se sistematizar os conceitos, autores, objetos e métodos de pesquisa privilegiados nos estudos. Conclui-se, que a discussão está em expansão, porém por se tratar de uma proposta que parte da interseção de dois campos, é fundamental que a pesquisa seja, de fato, transdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: ficção seriada; cognição; complexidade narrativa; estado da arte.

INTRODUÇÃO

Os estudos realizados no âmbito da ficção seriada televisiva estadunidense a partir da década 1990 têm tangenciado diversos pontos da psicologia cognitiva (JOHNSON, 2012; ESQUENAZI, 2010; MITTELL, 2015). As discussões, que abrangem desde questões mais genéricas como a multimodalidade do ambiente de convergência até aplicações específicas relacionadas a atenção, a memória, a organização de informações e etc, são motivadas pela construção de universos ficcionais cada vez mais amplos e densos. As tramas são permeadas por camadas interpretativas e intertextuais, estimulando a compreensão crítica e a produção criativa do público nas redes sociais.

De acordo com Johnson (2012, p. 24) as séries contemporâneas “[...] têm cobrado mais esforço cognitivo dos espectadores, exercitando a mente de maneiras que trinta anos

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e mestre em Comunicação pela UFJF. Membro do grupo do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Arte e Literacia Midiática da UFJF, pesquisadora do Observatório da Qualidade no Audiovisual e do Obitel Brasil. E-mail: daianasigiliano@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Coordenadora do Observatório da Qualidade no Audiovisual, do Obitel/Equipe UFJF e integrante da Rede Euroamericana de Alfabetização Midiática, sendo coordenadora da equipe brasileira. E-mail: gabrielaborges@ufjf.edu.br

atrás seriam inéditas”. Para acompanhar a atração em sua totalidade o público deverá assistir sistematicamente todos os episódios, caso contrário não irá entender os desdobramentos da história. Como explicam Regis *et al.* (2008, p. 165), “Deixar de assistir a um único episódio pode significar a perda do nexo da trama. Sendo assim, uma boa narrativa contemporânea não exige apenas que o espectador se lembre, mas também que analise as informações”. A análise destacada pelos autores está relacionada ao modo como os arcos narrativos das séries são desenvolvidos durante as temporadas. Nesse sentido, cabe ao público correlacionar os arcos e a gama de personagens que integram as microestruturas (episódio) e macroestruturas (temporada) e que vão se entrelaçando de formas imprevisíveis. De acordo com Lotz (2010), o modo de fruição narrativa das séries contemporâneas resulta em uma estrutura instável deixando muitos arcos abertos e, conseqüentemente, exigindo do público um engajamento especializado e contínuo.

Outro ponto relevante nos universos ficcionais são as lacunas informacionais deixadas propositalmente pelos roteiristas. Como explica Johnson (2012, p. 55) as séries “[...] exigem dos espectadores o trabalho de acrescentar elementos cruciais que levam a complexidade a um nível mais desafiador”. Isto é, para compreender a sequência que está no ar o público deverá acrescentar informações que foram omitidas na história. “Esses recursos, em vez de facilitar a fruição das obras populares, complicam-na exigindo muito mais esforço cognitivo do espectador do que os recursos usados nos programas anteriores” (REGIS *et al.*, 2008, p. 166). As informações omitidas na trama apresentam diversas variações abrangendo elementos internos e externos ao universo ficcional, além das composições visuais. Como, por exemplo, o uso de *easter eggs*, *inner jokes*, menções a filmes e livros, entre outros.

A partir deste contexto, as discussões que propomos a seguir têm como objetivo localizar a conceito de cognição a partir da abordagem da psicologia cognitiva e refletir sobre o modo como o termo vem sendo tratado nos estudos de televisão. O artigo integra uma pesquisa mais ampla desenvolvida no âmbito do doutorado, no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, que reflete, entre outros pontos, sobre a compreensão crítica e a produção criativa dos universos ficcionais das séries estadunidenses.

A PSICOLOGIA COGNITIVA E A MODIFICABILIDADE COGNITIVA ESTRUTURAL

De acordo com Calvin (1989) e Fonseca (2018) em termos filogenéticos⁴, a cognição emergiu da ação e da motricidade ideacional intrínseca à espécie humana. Nesse sentido, ao longo dos últimos cem anos o conceito tem se configurado com base em observações, experimentos e análises focados especificamente no raciocínio humano (WILSON; KEIL, 1999). Entretanto, apesar do antropocentrismo que norteia os estudos do campo, o espectro cognitivo vai além do nível mental humano, abrangendo, por exemplo, os invertebrados, os organismos unicelulares, os sistemas auto-organizados, entre outros. Segundo Menzel (2001) este cenário cognitivo não se restringe somente aos mamíferos, como já antecipado por Darwin (1881) em seu estudo sobre a inteligência das minhocas. Os autores afirmam que, por exemplo, os insetos apresentam diversas capacidades, tais como memória espacial, distinção entre fenômenos semelhantes e diferentes, aprendizado contextual, categorização visual e comunicação complexa.

Entretanto, é importante ressaltar que a discussão sobre o cenário cognitivo envolvendo níveis mentais além do humano (*Homo sapiens*) é pautada por várias nuances e está em constante atualização. Alguns pesquisadores afirmam que os comportamentos observados, por exemplo, em invertebrados e sistemas autopoieticos seriam na verdade processos metabólicos (HORRIDGE, 2005). Dessa forma, as habilidades cognitivas não passariam de atividades programadas, instintivas dos indivíduos.

O campo dos estudos da cognição humana apresenta quatro abordagens principais, são elas: a ciência cognitiva computacional, a neurociência cognitiva, a neuropsicologia cognitiva e a psicologia cognitiva (EYSENCK; KEANE, 2017). Apesar de terem suas especificidades e delimitações teóricas e metodológicas, as abordagens convergem para o entendimento de que o ponto central da cognição humana é a sua propensibilidade para a resolução de problemas (EYSENCK; KEANE, 2017; FONSECA, 2018). Ou seja, ela permite, de modo amplo, que o indivíduo controle seu próprio comportamento e seja capaz de lidar com a complexidade do ambiente no qual está inserido.

Segundo Eysenck e Keane (2017) a ciência cognitiva computacional envolve o desenvolvimento de modelos computacionais voltados para o aprofundamento dos estudos sobre a cognição humana. Tendo como base a interseção entre o comportamento e o cérebro são criados *softwares* que simulam aspectos do funcionamento cognitivo. A

⁴É o ramo da biologia que aborda a relação evolutiva entre grupos de organismos.

partir destes modelos os cientistas podem compreender como uma teoria é aplicada na prática, permitindo a antecipação do comportamento humano em novas situações.

A neurociência cognitiva “[...] envolve a utilização de evidências provenientes do comportamento e do cérebro para compreender a cognição humana” (EYSENCK; KEANE, 2017, p. 2). Esta abordagem tem como ponto central o estudo do cérebro através da neuroimagem funcional. Em outras palavras, os estudos são voltados para o modo como o cérebro é organizado e para a forma como as diferentes áreas, tais como sulco, giros, dorsal, ventral e rostral são descritas (EYSENCK; KEANE, 2017).

A abordagem da neuropsicologia cognitiva envolve o estudo de sujeitos com lesão cerebral, ou seja, pacientes com danos estruturais causados por ferimentos ou doenças, para compreender os processos cognitivos normais (EYSENCK; KEANE, 2017). Inicialmente a área estava diretamente vinculada à psicologia cognitiva, que iremos detalhar mais adiante, porém nos últimos anos, ela também se aproximou da neurociência cognitiva. Coltheart (2010, p.3) pontua que “O principal objetivo da neuropsicologia cognitiva não é aprender sobre o cérebro. Em vez disso, seu objetivo principal é aprender sobre a mente, elucidar a arquitetura funcional da cognição⁵” (livre tradução). Ao estudarem pacientes com lesão cerebral os pesquisadores contribuem de forma substancial para o entendimento da cognição humana normal (EYSENCK; KEANE, 2017, p.5).

A última abordagem da cognição humana é a psicologia cognitiva. Apesar alguns autores divergirem em relação ao surgimento da área, o encontro realizado em 1956, no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, foi de extrema importância para o reconhecimento da psicologia cognitiva (MATLIN, 2004; EYSENCK; KEANE, 2017). Como explica Matlin (2004, p.5) durante o Simpósio sobre Teoria da Informação e, posteriormente, ao longo do ano “[...] muitos pesquisadores publicaram livros e artigos influentes sobre atenção, memória, linguagem, formação de conceitos e resolução de problemas”. A autora ainda pontua que “A origem da popularidade da abordagem cognitiva pode ser encontrada no desencanto dos psicólogos com o behaviorismo, bem como nos novos progressos em linguística, na pesquisa em memória e na psicologia do desenvolvimento” (MATLIN, 2004, p. 9).

⁵ The main purpose of cognitive neuropsychology is not to learn about the brain. Its principal aim is instead to learn about the mind, that is, to elucidate the functional architecture of cognition.

A psicologia cognitiva é de suma importância para o arcabouço teórico das três abordagens apresentadas anteriormente. Eysenck e Keane (2017, p.29) afirmam que parte do Sistema Cognitivo é determinada pelas necessidades do Sistema Regulatório, tais como a sobrevivência, o alimento, a água e etc.. Entretanto, para a psicologia cognitiva a cognição humana é diretamente influenciada por inúmeros fatores motivacionais e emocionais (EYSENCK; KEANE; 2017). Por isso, os estudos desta abordagem tiram, de modo geral, a ênfase no Sistema Regulatório. Nesse contexto, no âmbito da psicologia cognitiva o termo cognição engloba um sistema complexo que compreende

[...] processos e produtos mentais superiores (conhecimento, consciência, inteligência, pensamento, imaginação, criatividade, produção de planos e estratégias, resolução de problemas, inferência, conceitualização simbolização, etc.), através dos quais percebemos, concebemos e transformamos o envolvimento (FONSECA, 2005, p.25).

Isto é, o sistema cognitivo “[...] contém as funções do pensamento e supervisiona o processamento de informações” (FEUERTEIN *et al.*, 2010, p. 18), estabelecendo interações entre o sujeito e o ambiente no qual está inserido. De acordo com Feuerstein *et al* (2010, p. 26-28) os processos cognitivos têm várias aplicabilidades como, por exemplo, eles ajudam o ser humano a focar em uma tarefa específica, a organizar e sequenciar um volume elevado de informações, a planejar e tomar decisões, o reconhecimento de conflitos, a aceitação de dissonâncias, entre outras.

Feuerstein *et al* (2010) afirmam que a contemporaneidade exige maior esforço cognitivo do sujeito. Segundo os autores estima-se que o sujeito contemporâneo é exposto, em apenas 24 horas, a mais estímulos do que um homem medieval durante toda a sua vida.

No passado, muitas crianças e adultos eram confrontados com decisões determinadas externamente, uma variedade limitada de escolhas e variáveis muito mais simples e diretas das quais tinham que escolher. Hoje uma pessoa tem que decidir por si em face de uma multidão de escolhas (FEUERTEIN *et al*, 2010, p. 26).

Estas novas demandas, envolvendo a habilidade de escolha, o planejamento, a organização dos dados e a ordem de prioridades, entre outros processos, reforçam o caráter adaptável e alterável da cognição. Entretanto, durante muitos anos acreditava-se, principalmente os campos da educação, da psicologia e da política social, que a cognição era algo que não poderia ser alterado. Cunhada pelo Feuerstein, a teoria da modificabilidade cognitiva estrutural (MCE) ajudou a mudar este contexto (FEUERTEIN

et al., 2010). Para o autor os processos cognitivos não podem ser entendidos como algo irreversível, fixo e imutável, mas dinâmico e ininterrupto.

Ao contrário do cenário cognitivo, a capacidade de mudança do cérebro é restrita ao ser humano (FEUERSTEIN *et al.*, 2010; FONSECA, 2018). Segundo Feuerstein *et al.* (2010) a modificabilidade seria a grande singularidade do indivíduo, pois ela se dá através da mediação.

Apesar de haver indicadores de mediação também no mundo animal, eles não permitem que os animais transmitam suas experiências aos seus descendentes. Animais são limitados em sua habilidade de transmitir sua experiência porque lhes faltam ferramentas de transmissão (FEUERSTEIN *et al.* 2010, p. 53).

Como, por exemplo, a prova que temos da extinção de uma espécie é apenas o seu testemunho físico. Isto é, sabemos que os dinossauros foram extintos há 233 milhões de anos por conta de seus rastros e não porque eles nos disseram como foram extintos. Desta forma, como explicam Feuerstein *et al.* (2010, p. 53), “Os seres humanos são os únicos que transmitem a cultura, e pela transmissão de cultura não dizemos apenas a transmissão de informação, mas a formulação da experiência para que as gerações futuras possam derivar delas os meios para se adaptar a mudanças”.

A modificabilidade cognitiva estrutural está relacionada com a aquisição de habilidades que não estavam previamente presentes e/ou acessíveis no sujeito, ou seja, são mudanças na estrutura do pensamento. Feuerstein *et al.* (2010, p. 44-45) estabelecem quatro dimensões da mudança estrutural, são elas: a permanência, a resistência, a flexibilidade/adaptabilidade e a generalização/transformação.

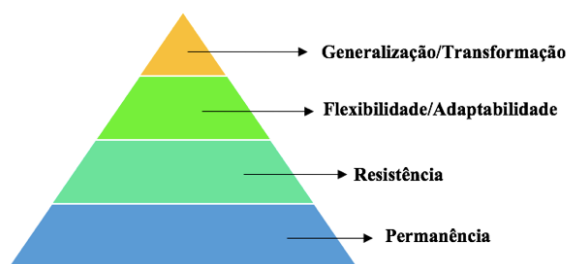


Gráfico 1: As quatro dimensões da mudança estrutural cognitiva proposta por Feuerstein *et al.* (2010)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A permanência se refere à retenção, a preservação do que foi aprendido (FEUERSTEIN *et al.*, 2010, p. 45). Ou seja, até que ponto a modificabilidade cognitiva estrutural é mantida com o passar do tempo. Por exemplo, o sujeito aprende a executar

um comando no computador e meses depois ele ainda consegue realizar a ação sem dificuldade.

Na dimensão da resistência o indivíduo “[...] preserva o que foi aprendido mesmo se mudarmos os dados do problema e aumentarmos a complexidade”. FEUERSTEIN *et al.*, 2010, p. 46). Demonstrando o quão resistente é a modificabilidade estrutural quando as condições são alteradas. Feuerstein *et al.* (2010) usam o exemplo na matemática, o sujeito que aprende a fazer a seguinte conta $3 + 2 = 5$, conseguirá através da resistência, executar a soma $2 + 3 = 5$. Pois, mesmo com a alteração na ordem dos números o que foi aprendido resiste à mudança. A terceira dimensão, a flexibilidade/adaptabilidade, ressalta a plasticidade da modificabilidade. Em outras palavras, até que ponto ela é executada “[...] além da situação inicial, nas outras áreas de respostas e eventos de aprendizado” (FEUERSTEIN *et al.*, 2010, p. 45). Dessa forma, o sujeito consegue flexibilizar a tarefa, adaptando as estruturas cognitivas. Dando continuidade ao exemplo anterior, neste caso após ter aprendido a adição o indivíduo irá se prontificar a compreender mais facilmente os princípios da subtração. Segundo Feuerstein *et al.* (2010, p. 45) a dimensão da generalização/transformação representa o mais alto nível da modificabilidade, nela o indivíduo “[...] cria novas mudanças estruturais por meio de esforços independentes”. Por exemplo, quando o sujeito aprende um novo idioma e expande a sua perspectiva, mudando toda a sua abordagem com o mundo. Reconhecendo distintos arranjos semânticos e camadas interpretativas estabelecendo assim novos *insights* cognitivos. Entretanto, é importante ressaltar todas as dimensões propostas por Feuerstein *et al.* (2010) não se limitam a questões etiológicas, de idade e/ou de deficiências. Isto é, a modificabilidade cognitiva estrutural pode ser observada em qualquer indivíduo independente de fatores sociais, culturais e biológicos.

AS INTERSEÇÕES ENTRE A COGNIÇÃO E A FICÇÃO SERIADA: O ESTADO DA ARTE

Os estudos da cognição apresentam interseções com diversas áreas, ao inserirmos a palavra “cognição” nas seções de busca do *software* Publish or Perish⁶ encontramos, nos repositórios do Crossref, Google Acadêmico, Microsoft Acadêmico, Scopus e Web

⁶O software extrai dados e gera estatísticas sobre o impacto da pesquisa como, por exemplo, número total de citações, número médio de citações por artigo, número médio de citações por ano e índiceh. Disponível em: <<https://harzing.com/resources/publish-or-perish>>. Acesso em: 02 jul 2020.

of Science, 998 artigos⁷ publicados entre 1975 a 2019. Os trabalhos com o maior índice h⁸, isto é, aqueles com o número de citações mais elevado, abrangem no mínimo dois campos de estudo. Por exemplo, a cognição e a linguística, a cognição e a educação e, a cognição, a semiótica e a comunicação.

Os estudos das narrativas ficcionais seriadas contemporâneas e da cognição têm se aproximado, principalmente, nas discussões sobre os processos criativos, mercadológicos, tecnológicos e participativos envolvendo as tramas produzidas a partir da década de 1990 (MITTELL, 2015; JOHNSON, 2012). Neste contexto, é importante compreendemos os esforços da academia brasileira na reflexão da interseção das séries televisivas com a cognição. Em outras palavras, como este recorte teórico está inserido no campo? Quais são os objetos analisados, os autores adotados? Para isso realizamos um levantamento dos anais, publicamos entre 2015 e 2019, da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)⁹, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)¹⁰, Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber)¹¹ e Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia (Alcar)¹².

O levantamento e a análise dos trabalhos foi dividido em cinco etapas, são elas: (1) identificação de termos centrais e, seus principais sinônimos, relacionados aos âmbitos da ficção seriada e da cognição, (2) busca destas palavras nos anais da Compós, Intercom, ABCiber e Alcar, (3) identificação do número total de artigos publicados, (4) tratamento dos dados arquivos encontrados, com o *software* Atlas.ti¹³, para identificação dos trabalhos que de fato discutem a ficção seriada e a cognição, (5) e análise dos trabalhos para a compreensão de quais perspectivas acompanham os estudos sobre a cognição e a ficção seriada no Brasil.

Inicialmente delimitamos quais as palavras-chave primárias e secundárias que seriam inseridas no motor de busca dos anais (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013). As primárias são termos ligados à psicologia cognitiva, são elas: cognição, cognitiva e cognitivo. Já as palavras-chave secundárias abrangem o campo da ficção

⁷ O número se refere a artigos em português publicados em revistas indexadas.

⁸ h-index em inglês. Disponível em: <<http://bit.ly/2Qi1DcH>>. Acesso em: 02 jul 2020.

⁹ Disponível em: <<https://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹⁰ Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/apresentacao5>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹¹ Disponível em: <<http://abciber.org.br/site/anais-eletronicos/>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹² Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹³ Disponível em: <<https://atlasti.com/>>. Acesso em: 02 jul 2020.

seriada, como: ficção, ficção seriada e séries de TV. Na etapa seguinte os termos primários e secundários foram buscados nos anais dos eventos como, por exemplo, “cognição (primária) ficção (secundária)” e “cognição (primária) ficção seriada (secundária)”, abrangendo o título dos artigos, as palavras-chave delimitadas pelos autores e os grupos de trabalho relacionados ao tema.

Porém, cada evento possui um sistema de busca diferente, que muitas vezes muda de acordo com a arquitetura informacional do servidor em que o site está hospedado e/ou a comissão organizadora da edição, nesse contexto é importante ressaltar o tipo de mineração realizada em cada um dos anais. Os anais¹⁴ da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação podem ser minerados a partir de três opções: Índice de Autores, que apresenta uma lista em ordem alfabética dos autores que tiveram seus trabalhos publicados, Trabalhos por GT, que reúne os, atualmente, 20 grupos de trabalhos que integram a Compós, e Busca, em que o usuário pode inserir as palavras-chave que serão buscadas pelo site a partir dos títulos e dos autores. Os termos primários e secundários foram inseridos diretamente na seção Busca, já no Trabalhos por GT nós selecionamos o GT Estudos de Televisão¹⁵, pela proximidade teórica, para realizarmos buscas individuais no corpo de cada um dos trabalhos. Desta forma, tivemos acesso não só ao título, mas ao conteúdo completo dos artigos.

A busca nos anais¹⁶ da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação referentes aos anos de 2015 e 2016 foi realizada através de duas seções, das três (Índice de Autores, Trabalhos por Evento, Efetuar Busca) disponíveis no site. As palavras-chave primárias e secundárias foram inseridas na seção Efetuar Busca, que procura a incidência dos termos no título, autor, área, instituição e/ou palavra-chave dos artigos. A busca na seção Trabalhos por Evento seguiu os mesmos parâmetros adotados no levantamento da Compós. Dessa forma, selecionamos o GP de Ficção Seriada¹⁷, que integra o DT– Comunicação Audiovisual, para realizar a busca no corpo dos trabalhos. Já os anais de 2017, 2018 e 2019 foram organizados em apenas duas seções, são elas: Índice de Autores e Trabalhos por Evento. A primeira apresenta uma lista em ordem alfabética dos autores que tiveram seus trabalhos publicados na Intercom. Nesse contexto,

¹⁴Referentes às edições XXIV, XXV, XXVI, XXVII e XXVIII. Disponível em: <https://www.compos.org.br/anais_encontros.php>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹⁵Disponível em: <https://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=MzA=>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹⁶Referentes às edições 38º, 39º, 40º, 41º e 42º. Disponível em: <<http://bit.ly/2rsDOGw>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹⁷ Disponível em: <[>](http://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-ficcao-seriada)>. Acesso em: 02 jul 2020.

as palavras-chave foram buscadas apenas no GP de Ficção Seriada, no corpo do texto de cada um dos artigos apresentados nas edições dos últimos três anos.

O levantamento dos anais¹⁸ da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura abrangeu somente os anos 2016 e 2017, pois os trabalhos que integraram as edições de 2015, 2018 e 2019 não estão disponíveis para consulta online. Como o site da associação não possui seções específicas de busca, a mineração dos artigos publicados no IX Simpósio foi feita através do atalho de localização do próprio Google Chrome¹⁹. Desse modo as palavras-chave foram inseridas na caixa de texto e o navegador buscou a incidência dos termos nos títulos dos trabalhos publicados no evento. Posteriormente, buscamos as mesmas palavras-chave no corpo dos artigos apresentados especificamente no GT de Cultura participativa, ressignificações da ficção e da experiência²⁰. Os anais²¹ do X Simpósio, de 2017, não apresentavam nenhum grupo de trabalho que estabelecesse um diálogo direto com o âmbito da ficção seriada. Dessa forma, realizamos a busca por meio do atalho do Adobe Reader, já que os anais foram publicados em PDF em um arquivo único, de 3.477 páginas. Por isso, a mineração abrangeu o título, as palavras-chave e o corpo de todos os artigos apresentados no evento.

Por fim, os anais²² da Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia referentes aos encontros nacionais de 2015, 2017 e 2019 não possuem sistema de busca. Por isso, realizamos a mineração das palavras-chave primárias e secundárias diretamente no corpo dos trabalhos dos grupos temáticos²³ História da Mídia Digital e História das Mídias Audiovisuais.

A partir do levantamento nas produções científicas publicadas entre 2015 e 2019 nos anais da Compós, Intercom, ABCiber e Alcar foram identificados 32 artigos. Nesta etapa foram selecionados os trabalhos que apresentavam um cruzamento entre palavras-chave primárias (cognição, cognitiva e cognitivo) com pelo menos uma das secundárias (ficção, ficção seriada e séries de TV). Com base na análise quantitativa deste recorte é interessante observar a ascensão do tema nos artigos, considerando que o ano de 2019 não apresenta os anais do ABCiber. Dos 32 trabalhos, quatro (12%) artigos foram

¹⁸Referentes às edições IIX, IX, X, XI e XII. Disponível em: <<http://bit.ly/2PVCPIi>>. Acesso em: 02 jul 2020.

¹⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/2CX5d8T>>. Acesso em: 02 jul 2020.

²⁰ Disponível em: <<http://www.abciber.org.br/anais-eletronicos/anais-eletronicos/textos-2/>>. Acesso em: 02 jul 2020..

²¹ Disponível em: <<http://www.abciber.org.br/anais-abciber-2017.pdf>>. Acesso em: 02 jul 2020..

²² Referentes às edições 10º, 11º e 12º. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZB8bHJ>>. Acesso em: 02 jul 2020.

²³ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/sobre-a-alcar-1/grupos-tematicos-1>>. Acesso em: 02 jul 2020.

apresentados em 2015, seis (18%) em 2016, sete (20%) em 2017, doze (35%) em 2018 e cinco (15%) em 2019. Se compararmos as marcas de 2015 e 2018, houve um aumento de 300% no número das produções científicas.

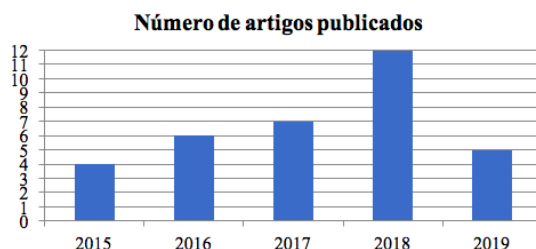


Gráfico 2: Levantamento do número de artigos sobre o diálogo da ficção seriada com a cognição publicados de 2015 a 2019.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A análise quantitativa do levantamento também aponta que o primeiro trabalho, dentro do recorte, que possui uma interseção entre os estudos da ficção seriada e a cognição foi apresentado em 2015, na Intercom. A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação lidera²⁴ no número de artigos publicados sobre a temática, totalizando 26 (81%) produções científicas, quatro em 2015, cinco em 2016, três em 2017, dez em 2018 e quatro em 2019. Em segundo lugar está a Compós com quatro (13%) publicações no total, uma em 2017, duas em 2018 e uma em 2019. A ABCiber (3%) e a Alcar (3%) empatam com apenas uma publicação, em 2016 e 2017, respectivamente.

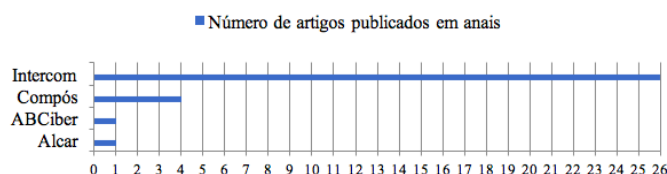


Gráfico 3: Levantamento do número de artigos publicados nos anais da Intercom, Compós, ABCiber e Alcar entre 2015 e 2019.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir do levantamento também foi possível observar os objetos escolhidos pelos pesquisados para discutirem o tema. Dos 32 trabalhos, 60% (19 artigos) analisam séries estadunidenses, 28% (9 artigos) tratam de produções nacionais como, por exemplo, telenovelas e minisséries, 6% (2 artigos) refletem sobre o papel dos atores e dos roteiristas

²⁴ É importante ressaltar que número de trabalhos aceitos, que compõem os GTs e posteriormente os anais, varia de acordo com o congresso. No caso da Compós, por exemplo, o limite é de dez trabalhos. Disponível em: <https://www.compos.org.br/gts_informacoes.php#critérios>. Acesso em: 02 jul 2020.

na ficção, 3% (1 artigo) disserta sobre uma websérie e ,novamente, 3% (1 artigo) aborda a cultura de fãs.

Para uma análise mais apurada e por conta do volume de trabalhos utilizamos o *software* Atlas.ti para o tratamento dos dados. Dessa forma, todos os 32 arquivos foram transferidos, em PDF, para o programa e codificados. Conforme pontua Kelle (2002) primeiro passo é a construção de um índice, ou seja, um agrupamento de todas as passagens do texto que tenham algo comum. A partir do Atlas.ti selecionamos os trechos dos artigos que continham as palavras-chave primárias e secundárias (KELLE, 2002). Posteriormente, realizamos comparação e a categorização dos segmentos dos textos, chegando a três categorias: discussões externas, habilidades cognitivas e cognição e aprendizagem.

A primeira categoria abrange 21 trabalhos e apresenta discussões indiretas sobre a cognição. Isto é, o conceito está inserido na argumentação de algum autor citado, mas não é diretamente abordado no artigo. Como, por exemplo, as pontuações de Shirky (2008, 2012) que usa a expressão “excedente cognitivo” para falar da produção de conteúdo nas redes sociais digitais e outras plataformas online no ambiente de convergência. Dessa forma, nesta categoria, a cognição integra amplas discussões tais como a importância da narrativa na vida do sujeito, o engajamento, a pasteurização das produções da indústria cultural, as patologias do sujeito contemporâneo relacionadas aos déficits de atenção, a expectativa dos leitores e o processo criativo dos atores na construção dos personagens, mas não é discutida de modo específico.



Figura 1: Nuvem de palavras com os autores citados nos trabalhos apresentam discussões indiretas sobre a cognição.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Outro ponto observado em diversos artigos é o recorte epistemológico do conceito. Na abordagem dos trabalhos, a cognição é norteadada por um entendimento genérico, relacionado a qualquer discussão envolvendo a capacidade cerebral, a percepção e o conhecimento, no sentido mais abrangente.

A segunda categoria abrange oito artigos, as discussões propostas nos trabalhos analisam as habilidades cognitivas. Apesar das reflexões terem como base distintos

percursos metodológicos, todas se debruçam sobre pontos específicos do cenário cognitivo, são eles: a decodificação, a memória, a compreensão e a atenção.

A partir de objetos tais como as séries *House* (Fox, 2004-2012), *Seinfeld* (NBC, 1989-1998) e *Mindhunter* (Netflix, 2017-atual) são feitas correlações entre as habilidades cognitivas e as características narrativas e estilísticas das tramas contemporâneas estadunidenses. Como, por exemplo, a construção da memória e a multiplicidade de arcos narrativos do último episódio de *Seinfeld*. Em *The Finale* vários *plots*²⁵ e referências intertextuais feitas nas primeiras temporadas são retomadas sem qualquer indicação didática ao telespectador. Ou seja, cabe a ele preencher e compreender as lacunas interpretativas deixadas propositalmente pelos roteiristas da *sitcom*. O mesmo acontece com a análise de *Mindhunter* que parte da hipótese de que a imbricação da ficção com a realidade presente na trama da Netflix estimularia um efeito de enciclopédia no telespectador. Dessa forma, ao assistir os episódios o público desenvolveria um amplo entendimento sobre o perfil um *serial killer*, compreendendo as definições, as categorizações entre outros termos técnicos que são trabalhadas na atração.

Apesar refletirem sobre questões pertinentes, a maioria dos trabalhos são pautados por metodologias de análise que não integram especificamente os estudos da cognição. Desse modo, as discussões trazem autores como, por exemplo, da literatura e da filosofia para abordarem pontos complexos que são inseridos em recortes teóricos característicos da ciência cognitiva computacional, da neurociência cognitiva, da neuropsicologia cognitiva e/ou da psicologia cognitiva. Em outras palavras, as argumentações sobre o conceito de cognição e seus processos partem, em sua maioria, de abordagens de autores de outras áreas sobre o tema específico que os artigos propõem a dissertar. Nesse contexto, mesmo tendo a cognição como um de seus pontos centrais os artigos possuem um aporte teórico que não prioriza os autores do campo tanto na proposta metodológica quanto ao longo do texto.

A terceira e última categoria identificada está presente em apenas três trabalhos e que estabelecem, de fato, uma correlação entre a cognição, a aprendizagem e a ficção seriada. Além de pontuarem a partir de qual recorte teórico as abordagens sobre o cenário cognitivo se situam os artigos analisam os objetos com base em discussões transdisciplinares. Outra questão convergente é o modo que os termos como, por

²⁵ História da série ou da temporada ligada ao principal arco narrativo.

exemplo, compreensão crítica e aprendizagem são delimitados, reforçando as diferentes perspectivas e aplicabilidades.

Todos os objetos trabalhados pelos autores são narrativas ficcionais seriadas, porém, as análises são feitas de maneira direcionada a partir de cenas e/ou episódios, ao contrário do que foi observado na categoria anterior. Dessa forma, o *corpus* é tratado em sua especificidade, propiciando uma clara relação entre as hipóteses, a fundamentação teórica e os estudos de caso. Mesmo refletindo sobre questões distintas os artigos argumentam como o caráter contínuo e serial das tramas auxiliaria no desenvolvimento das habilidades cognitivas, propiciando assim o aprendizado efetivo. Os trabalhos também enfatizam que por se tratar de uma abordagem recente, no âmbito das séries de TV, as pesquisas ainda estão fase inicial e, por isso, é preciso cautela na elaboração de conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o levantamento das produções científicas publicadas entre 2015 e 2019 nos anais da Compós, Intercom, ABCiber e Alcar nos indicam algumas pistas sobre a inter-relação das narrativas ficcionais seriadas estadunidenses com a cognição. O primeiro ponto está relacionado à importância de situar a abordagem adotada para a discussão do cenário cognitivo, considerando a amplitude do termo e sua complexidade.

Outra questão relevante é que por se tratar de uma reflexão que tem como proposta teórica a interseção de dois campos, é fundamental que a pesquisa seja, de fato, transdisciplinar, estabelecendo um diálogo entre os autores dos estudos de ficção e de cognição. A especificidade na delimitação do *corpus* de análise também contribui para uma argumentação mais profícua sobre o tema, identificando de modo claro a imbricação das áreas.

REFERÊNCIAS

CALVIN, W. **The cerebral symphony**. Nova York: Bantam, 1989.

COLTHEART, M.. Lessons from cognitive neuropsychology for cognitive science: A reply to Patterson and Plaut. **Topics in Cognitive Science**, v. 2, p. 3–11, 2010.

DARWIN, C. **The formation of vegetable mould through the action of worms with some observations on their habits**. Londres: John Murray, 1881.

ESQUENAZI, J. **As séries televisivas**. Lisboa: Armand Colin, 2010.

EYSENCK W. M.; KEANE M. T. **Manual de psicologia cognitiva**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

FEUERSTEIN, R. *et al.* Além da inteligência: Aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro. Petrópolis: Vozes, 2014.

FONSECA, V. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem**. 7 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

_____. **Aprender a aprender: a educabilidade cognitiva**, 3. ed. Lisboa: Âncora, 2005.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HORRIDGE, A. What the honeybee sees: a review of the recognition system of *Apis mellifera*. **Physiological Entomology**, v. 30, n. 1, p. 2–13, 2005.

JOHNSON, S. **Tudo que é ruim é bom para você: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KELLE, U. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 393-415.

LOTZ, A. **The Television Will Be Revolutionized**. New York: New York University Press, 2007.

MATLIN, M. W. **Psicologia Cognitiva**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2004.

MENZEL, R. Searching for the memory trace in a mini-brain, the honeybee. **Learning & Memory**, v. 8, n. 2, p. 53–62, 2001.

MITTELL, J. **Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling**. Nova York: NYU Press, 2015.

REGIS, F. *et al.* Seriados de TV e desenvolvimento de competências cognitivas: uma análise das séries “Perdidos no Espaço” e “Lost”. **Contemporânea**, v. 6, n.2, p. 160-173, 2008.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

WILSON, R. A.; KEIL, F.C (eds.). **The MIT encyclopedia of the cognitive sciences**. Massachusetts: MIT Press, 1999.